

GIURGEVICH, Luana; LEITÃO, Henrique

Clavis bibliothecarum: catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834

Sacavém: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016. 944 p. ISBN 978-989-97257-7-5

FERNANDA MARIA GUEDES DE CAMPOS

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2021.10394>Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal;
CHAM – Centro de Humanidades, Universidade Nova de Lisboa <https://orcid.org/0000-0001-7509-3078>

A obra que é objeto desta recensão veio permitir aos investigadores da História do Livro e das Bibliotecas Religiosas uma visão holística e integrada das fontes que, em instituições portuguesas, nacionais e locais, testemunham a presença dos livros e das bibliotecas em instituições religiosas do Antigo Regime. Esta fecunda obra de referência (LXX, 863 p.) resulta de um laborioso levantamento documental executado por Luana Giurgevich e Henrique Leitão, investigadores do Centro Interuniversitário de História das Ciências e Tecnologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, durante seis anos. Em boa hora entendeu o Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja proceder à sua edição. Concebida como “Uma “Chave para o mundo das bibliotecas eclesiásticas” (p. XV), a obra oferece ao leitor o conhecimento da existência de um património que ficou disperso, após a extinção das ordens religiosas, mas cuja unidade se revela em catálogos, listas ou inventários que foram elaborados em diversas épocas e por motivos diferentes durante a vida dessas instituições.

Com esta “Chave” podemos conhecer e localizar a existência desses antigos instrumentos de trabalho onde se registaram e descreveram, com maior ou menor minúcia, os acervos bibliográficos que se guardavam nas antigas instituições eclesiásticas até ao século XIX. Assim, ao prospetivo investigador fica aberto um caminho seguro que lhe permitirá saber se existe o que procura e, em caso afirmativo, onde o pode encontrar. Acresce que nesta obra estão também transcritos documentos vários sobre bibliotecas de casas religiosas regulares, constantes de fontes bibliográficas ou arquivísticas os quais contribuem de forma utilíssima para um conhecimento mais sustentado sobre a presença dos livros e das bibliotecas na vida daquelas instituições. O levantamento levado a cabo em instituições patrimoniais nacionais ou locais teve o seu foco nos fundos monásticos e conventuais “deixando de fora paços episcopais, igrejas paroquiais, seminários, confrarias, etc.” (p. XVI). A preocupação de exaustividade por parte dos autores que, para o efeito, fizeram uma investigação global à escala nacional, não os impede de manifestarem a possibilidade de alguma documentação não ter sido rastreada.

Antes da apresentação dos testemunhos encontrados sobre o conteúdo das bibliotecas de diferentes conventos e mosteiros, o leitor conta com os textos preliminares onde destacamos um extenso estudo intitulado “*Clastrum sine armario quasi castrum sine armamentário: As bibliotecas eclesiásticas em Portugal*” (p. XV-XLVIII). É de leitura indispensável para quem pretende estudar estas bibliotecas. Para além de as contextualizar, os autores apresentam e problematizam conclusões retiradas do estudo. Destacamos a síntese sobre as “tipologias de inventários e heterogeneidade das fontes” (p. XXV-XXVI) e a cronologia da “onda inventariante” (1759-1834), expressão escolhida para designar os períodos e

as circunstâncias históricas que deram origem a inventariação das bibliotecas religiosas (p. XXXVI-XL).

Seguidamente, os autores incluem um indispensável “Como usar este livro” onde se explica a organização, propriamente dita, da obra que se divide em duas partes, como já atrás tínhamos mencionado: “Catálogos, inventários e outras listas de livros” (p. 3-377) e “Documentos sobre o funcionamento das bibliotecas das congregações religiosas” (p. 383-783). São apresentados os critérios adotados para a elaboração das fichas individuais e a sua distribuição por 1) forma de vida consagrada, 2) congregação, 3) instituição, obedecendo esta a uma ordenação alfabética dentro do respetivo instituto. Por opção dos autores, as instituições masculinas não têm indicação específica tendo-se reservado um (F) para as femininas. A ordenação das instituições é igual em ambas as partes e o leitor conta com remissivas cruzadas do Documento para o Inventário ou vice-versa. Para facilitar a pesquisa, existe um “Índice das instituições religiosas” (p. LV-LXX) onde, de forma detalhada se podem localizar no livro as instituições que se pretende pesquisar e ainda ficar a saber se, para elas, existem inventários e documentos.

Como utilizadora frequente da *Clavis Bibliothecarum* considero útil (se não mesmo indispensável...) que se inicie a consulta por este Índice porquanto elucida o investigador sobre a existência ou não de informação acerca das bibliotecas que pretende estudar e, ao mesmo tempo, proporciona uma visão global sobre a classificação das diferentes formas de vida consagrada escolhida pelos autores. Em cada uma se encontra a lista alfabética das respetivas instituições, indicando-se então, o seu número de ordem e as páginas onde se encontra referida. No respeitante à Documentação, quando exista, o Índice especifica também o(s) número(s) atribuído(s) ao(s) documento (s) e as respetivas páginas. Ao prospetivo leitor também queremos recomendar uma consulta à “Documentação de caráter geral” que inicia a lista institucional de cada ordem, onde se encontram documentos de interesse para a generalidade das bibliotecas desse instituto.

Apresentam-se no final da lista institucional com o cabeçalho “Livrarias dos religiosos da Ordem de...” as referências aos catálogos de bibliotecas de membros das comunidades. Para além das ordens, congregações e sociedades de vida apostólica, os autores incluíram as Irmandades e outras coletividades religiosas, terminando com a rubrica “Varia” onde constam as “Livrarias de instituições religiosas não identificadas”, os “Catálogos coletivos” e “Outra documentação”.

No final da obra, temos uma bibliografia completíssima ao tempo da edição (2016) e com uma apresentação muito intuitiva e explicativa. O índice onomástico geral (p. 833-853) inclui todos os indivíduos referidos sejam eles possuidores de bibliotecas, inventariantes ou outros que, de alguma forma, tiveram o seu nome ligado às bibliotecas religiosas aqui referidas. De notar o cuidado na identificação dos religiosos(as) indicando a sua categoria e afiliação, e a menção do cargo/profissão/local nos casos de outros indivíduos religiosos e laicos, sempre que foi possível uma melhor identificação. O índice onomástico permite também resolver casos de homonímia tão vulgares entre ordens religiosas. Entenderam os autores constituir um último Índice só para os antigos possuidores, compreensível pela importância da situação no contexto da obra.

Consideramos que para a História das bibliotecas religiosas em Portugal existe um antes e um depois da publicação da *Clavis Bibliothecarum*. Obra de consulta obrigatória, todo o trabalho dedicado e consistente que transparece nesta “Chave” permite aos investigadores aprender mais sobre a realidade da posse do livro e da leitura no ambiente religioso e, principalmente, poupar muitas horas de pesquisa não raro árdua e infrutífera.